

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO

O sol lá caindo e a noite já vinha subindo... Início d'um mês de janeiro, lá pelo finalzinho dos idos da década de 1960. Fazia aquele calor modorrento que os verões sempre trazem. Estava com meu pai e minha mãe; as irmãs estavam para São João d'El-Rei, casa da *vó Don'Ana* e do *ti Mário*, eu estava em férias do *Grupo da Celeste Banho*(7). A Fazenda, aos poucos, ia sendo tomada pelo aconchego triste da noite, ninada pelos grilos e sapos, embalada pelas chamadas bruxuleantes das fracas lamparinas de querosene.

Hoje relembro meus tempos de criança e a vida naquela *velha* Fazenda da Congonha (2), onde nasci, lá pelas bandas de São Miguel do Cajuru (3), lugar onde o meu *undo* era grande demais para eu me preocupar em saber onde ficavam Rio de Janeiro e São Paulo. A Terra era, para mim, então, pequena demais: resumia-se num velho mapa-múndi, que vivia des-
-ndurado na parede da sala; o Mundo era simples de ser percorrido, quando quisesse, com a ponta dos meus dedos! Lembro-me da aquela *civilização* da roça cajuruense, com seu antiecor coxante de sapos, o som da água caindo na bica, piscar de vaga-lumes e sombras da lamparina, com as quais eu brincava criando *bichos* e *monstros* com a sombra da mão projetada na parede, ignorando ainda a necessidade da invenção de Edison (4); um radinho que tinha lembrado a hora do *Angelus*, já com as pilhas gastas, terminava de tocar *Moreninha Linda*, do *meu bem querer*... para transmitir a Hora do Brasil: *Em Brasília, dezesseis horas*...

De repente, o silêncio foi quebrado e ouviu-se um barulho. O cachorro, *Nero*, agitado, dava sinal. De longe, mas não tão longe assim, pois o lugar era onde as vistas alcançavam, surgia de dentro da *boca da noite* um grupo de quase uma dezena de *andarrilhos* com roupas brancas, pés no chão, chapéus enfeitados de espelhos, faixas na cintura. Das roupas, dos chapéus de todos eles, e também dos instrumentos, pendiam esvoaçantes fitas coloridas; terços pendurados nos pescoços, guias cruzadas pelos peitos e cordões enfeitados os instrumentos musicais, tudo feito daquelas Contas de Lágrimas (5) que, até hoje, ainda é possível colher nos nossos brejeiros.

Bandeira... Caixa... Triângulo, pandeiro, viola e sanfona (6). Melodia agradável, ritmo meio festivo e meio de marcha compassada. Aquilo era uma novidade tamanha para meus pequeninos sentidos acostumados à rotina de simples menino da roça. Vinham em fila indiana pelas trilhas lá dos lados do Ribeirão do Chaves ou do Rio do Peixe; passavam pela ponte do Corrego do Aterrado, vieram subindo, transpuseram a tronqueira de arame e atravessaram por sobre o rego que levava água para a bica, certamente vindos de longe, rumo de nós.

*Deus te salve ó Casa Santa, ai, ai...
- Onde Deus fez a morada, ai, ai, oi... ai...
- Que é que é isso? Meu Deus, valha-me Nossa Senhora Aparecida e São Miguel!*, assustou-se a minha mãe. O meu pai, meio que esbravejando, tentava acalmar:

- *Folia de Reis, gente, será possível que o celsu num conhece isso?*

- *Conheço sim, mais assustei. Há muito tempo que num tem passado por aqui!*, respondeu minha mãe.

Nesse meio tempo eu já estava escondido debaixo da cama, coração disparado, com o travesseiro escondendo o rosto, morrendo de medo daqueles homens esquisitos.

- *Vem cá só lá, vem cá minino, procê vê os home!*

Meio tremendo de medo, obedeci a meu pai, mas fiquei de *meia-jota*(7) na porta, para qualquer eventualidade.

- *Prá que é que serve isso? Tem até um mascarado no meio, aí ai ai...*, murmurei baixinho, soluçando e amedrontado, lá arrependido de ter matado aquele bem-te-vi lá na parreira; presumia que aquele episódio era o castigo pelo meu cruel *passaricídio*: *Foi sem querer... desculpa! vou aposentar o meu bodoque, meu Deus; prometo que vou quemê-lo amanhã bem cedinho!* Também não vou armar mais arapuca para pegar pomba-rôla... confessava, penitenciando-me silenciosamente.

- *Ó de casal ô de dentro! boas noites. É a visita de Reis, aneci acela receber de bom grado a bandeira e a nossa folia?*, gritou um deles, ainda lá do lado de fora da porteira de vara.

- *Não pai, num deixa não. Ai meu Deus!*

clamei, meio que inconscientemente.

- *Deixa de bobagem, minino... êta só láz medroso! O celsu pode chegar prá cá! Pode entrar pessoal, decidiu meu pai, já descendo da soleira para o terreiro.*

Abriam a porteira, a tramela da cancela de madeira, desceram pelo terreiro até a porta da sala. Entregaram a bandeira ao meu pai a reverência, passando-a para a minha mãe beijar e segurar; formaram um semicírculo, tocaram e cantaram, obedecendo aos comandos d'um apito daquele que parecia ser o *chefe* do grupo. Um cantava mais forte e os outros davam o responsório, sempre terminado em lamentosos *ais*. Depois adentraram na sala e cantaram diante do presépio, armado num canto, dentro de uma singela réplica da gruta da natividade, feita da casca de uma cuia, quebrada ao meio, enfeitada com respingos de cera de vela derretida, à guisa de neve. A bandeira, como de costume, foi apresentada a todos os cômodos da casa. Enquanto isso, cantavam e tocavam mais...

Justificaram depois, proseando, falando alto, já na cozinha:

- *E as graças que nós recebemos, aí pagamos por elas com a Festa de Reis e do Divino. Vamos de casa em casa. Pedimos ajuda e Dia de Reis, benzô Deus, entregamos a nossa bandeira. Ano entra, ano sai, entra os janêro, sai janêro e é sempre assim. É a prática da nossa sabaena!*, explicou um preto simpático, já sem o seu chapéu, pelejando para acender o seu pito de palha num ticoço do fogão, assistando uma gatinha sonolenta que, aproveitando o calor, dormitava ali no "rabo" do fogão. Prosearam sobre assuntos diversos: empredadas, festas, roças de milho e o *João-do-mato*... se o ano lá ser bom de chuva, se o gado *'stava* sadio e se as vacas eram boas de leite; sobre as qualidades dopasto de capim-gordura e de jaraguá; discutiam também sobre o preço da arroba do gado de corte, preço dos queijos e ainda sobre a Copa do Mundo de 70, onde um *taie* de Saldanha (João Saldanha) estava montando um *timão*... esse assunto, futebol, meu pai apreciava e dominava!

Percebendo o meu receio, principalmente do mascarado, o tocador de sanfona, já de cores num cantinho, ofertou-me umas duas balas, já meio que meladas e quentes de seu bolso, e falou:

- *Precisa ficá com medo não minino! Ele dança, balançando a bandeira, junto com a mulher. É o Bastião e a Catirina (8) e sem eles a folia num tem graça não. Eles num faz nenhum mal a ninguém não, mode ocê pode ficar sossegado. Foi ambientando aos poucos... enfiou as balas na boca; o susto ia passando e já me alegrava um pouco, mais pela absoluta desnecessidade de aposentar o meu bodoque e a arapuca, como havia prometido. Aquilo já não parecia ser o prenúncio de um castigo, como imaginara.*

E cantaram mais. Lançavam os seus lamentos no ar, embebedos numa devoção que era principalmente deles, fazendo a obrigação do louvor e o prazer de uma festa que se tornava de todos. Parece que sentiam ali, naquele momento, a presença de um Ser invisível, transcendente, e que todo aquele clamor, enfim, chegaria aos céus e retornaria a terra em forma de graça, sobre todos nós.

Quando já estava me acostumando e até achando aquilo bem bom, minha mãe ameaçou a começar o preparo do jantar, no que foi interrompida:

- *Agradicido Dona! Nós hoje só vai jántá mais prá frente... entonce num percisa da sinhora se preocupá não. É a mesma coisa qui nós tivessse jántado. Deus te ajude!*

Tomaram café com leite, queijo e quitandas (9). Comeram arroz-doce. Agradezaram cantando. Cantando dispensaram o pouso ofertado(10). Ganharam algum dinheirinho, um frango, dois queijos e pedaços de fumo de rolo; fizeram, de uma *embira* (11) que estava pendurada num prego, a *peia* (12) para o frango, enrolaram alguns cigarros, puseram coisas num embornal e partiram, alegando que ainda, naquela noite, iam a mais duas ou três fazendas. Agradezaram pelas ofertas. Cantaram perdendo a bandeira de volta. Falaram que iam posar lá pelos lados da Vendinha, beira do Corredor-Real (13), na fazenda d'um tal de *Sô Quincas* de Ávila (14).

- *Folieiro, nesses dias, dorme muito pouco... andamo até as altas madrugada!*, falou um deles.

As vozes e o som dos instrumentos foram sumindo aos poucos, absorvidos pelo breu da noite, misturados a uma fina garoa. Naquela noite custei muito a pegar no sono. De

madrugada sonhei com a cantoria:

*Pai, Filho e Espírito Santo ai, ai...
E as horas de Deus amém ai, ai...
Abençoa a nobre morada ai, oi, ai...
E vocês vai ficano tudo com Deus Qui com Deus nós tamém vai, ai, ai...
Os Rei já cantaro o nascimento ai, ai...
De Jesus Cristo em Belém ai, oi, ai...*

Foi assim que eles se despediram de nós. Naquela época foram aqueles artistas e hoje são outros deles que permitem que os ritos coletivos sejam reprojatados em espaço público, criando um maravilhoso processo de ressignificação do motivo original: os folieiros, ao que me parecem, são belas expressões da metamorfose de um catolicismo arcaico e puro; seus fundamentos religiosos, infelizmente, ainda são ignorados pela maioria dos espectadores, que observam apenas o espetáculo sem deles participarem. Mas, se notarmos bem, há um forte circuito de sociabilidade e reinterioridade em que a religião, vivamente, transborda para a vida social: com seus enredos particulares e gestos políticos, da dimensão do sagrado, permitem-nos uma bela e profunda releitura de seus autos populares.

Hoje, longe da roça, na agitação da cidade, a invasão dos *pornô-sambas*(15), os falsos capirais e os chiques pagodeiros, engravatados, não conseguem me impedir de ouvi-los e nem me impedem de pensá-los; aqueles cantores, realmente populares, eram verdadeiros artistas e não gravaram discos. Longe das imagens midiáticas, até hoje, outros deles, a qualquer custo, não permitem que a tradição religiosa e folclórica pereça. São humildes como os flores-do-campo, mas pensam e vivem no seu mundo, no nosso mundo e em todo o Mundo; também enchem de luz a vida daqueles que os escutam. São esses folieiros, valentes, valorosos e quase sem reconhecimento, eminentemente autênticos como aqueles de outrora, que hoje, ao tocarem e cantarem as suas músicas, ainda me fazem chorar!

Só que hoje eu não choro mais de medo... só de saudade!

Notas:

1. Grupo Escolar Inácio Passos, situado no Bairro do Bonfim. A sua primeira diretora foi Celeste Maria da Fonseca Banho, pessoa de nossa relação familiar e de tradicional família da cidade; sendo assim era comum para nossa família chamar aquele Grupo de *Grupo da Celeste Banho*. Foi a minha primeira escola formal, onde fui muito bem acolhido, ao vir da roça para a cidade.

2. A sede da Fazenda, distante cerca de uma légua da sede do distrito, foi caprichosamente construída em 1946 (por João Bernardino Ferreira - vulgo *João Menino*) e, infelizmente, demolida em 1994.

3. Distrito são-joanense com o nome de Arcângelo (desde 1943), num exemplo de *criminososa* agressão à sua toponímia, mais que lá-secular (de antes de 1745), que deveria ser intocável.

4. Referência à lâmpada incandescente, inventada em 1878 pelo físico norte-americano Thomas Alva Edison.

5. Contas-de-lágrimas: planta da família das gramíneas; nome científico: *Coix lacrima*. É conhecida também popularmente pelos nomes *Blurá*, *Lágrima-de-Nossa-Senhora*, *Lágrima de Santa Maria*, *Lágrima-de-Jô*, *Contas de Nossa Senhora*, *Capim-Rosário*, *Capim-miçanga*, *Capim de contas*, *Caplá* e na Guiana Francesa por *Larme de Job*. Tem valor terapêutico: a tintura das sementes é diurética e emoliente, útil nas afecções catarrais; é empregada também, em fricções, contra o reumatismo.

6. *medicina doméstica*. São Paulo: A Edificação do lar. 1.ª ed. v. 2. p. 690. Uma lenda de nossa região conta que quando Nossa Senhora andava pelo mundo chorando a falta que sentia de seu filho, morto na cruz, cada lágrima que ela vertia fazia nascer um pé do referido capim, daí... de lágrimas!

7. Na fazenda da Boa Mente - do início e até meados do séc. XX - segundo informações orais da família, as Foliás passavam, anualmente, e se apresentavam portando um instrumento chamado de *Rabeça*, que era uma espécie antiga de violino de três cordas que se tocava friccionando-as com um pequeno arco.

8. Expressão usada em regiões rurais da região. Quer dizer quando a pessoa, ressaltada, não se apresenta inteira à porta ou janela; fica com o corpo escondido e mostra apenas a metade do rosto para ver o que está acontecendo, ficando a outra encoberta pelo portal.

9. *Bastião (Palhaço)*: personagem mascarado, comum às Foliás, que se apresentava dançando e/ou recitando versos acompanhado pela *Catirina* - homem travestido - também mascarado, que fazia o papel de "mulher" do Palhaço. Segundo informações de Aparecida de Carvalho Ávila, já pelos idos de 1930, era comum a visita de Foliás de Reis à Fazenda da Boa Mente, onde ela nasceu. O *Bastião* era encarnado por um *nêgo-aço*, alcunhado de "Zé Carneiro", filho da parteira prática Iria da Quintina, irmã da Maria da Iria, negra professora, que oferecia seus serviços educativos nas fazendas e, quando era contratada, chegava a ficar durante meses instalada ali, *ensinando* as crianças. Também cantava no coro da Igreja; eram todos pessoas bastante populares no Cajuru e região.

10. Quitandas: biscoitos e broas caseiros, assados nos tradicionais fornos a lenha; eram guardados em latas com tampa bem fechada para manterem-se bem conservadas, sequinhas, e servidas diariamente aos da casa ou visitas na hora do café (biscoito de fubá, de polvilho, broa, rosquinhas...). É mister lembrar que nas casas tradicionais da região rural, até hoje, é considerado desfeito ao dono a visita sair sem tomar o café ofertado, nem que seja um *café de mão-na-escadaria* (café puro, sem acompanhamento de quitandas).

11. Minha mãe, Aparecida, ainda se recorda com clareza da visita a pouso de folieiros na Fazenda da Boa Mente: meu bisavô, João Antônio de Ávila - o "Janjão", recebia-os muito bem, alojava e beijava a bandeira e dançava seguindo o ritmo deles; minha bisavó, Mariana Alexandrina de Ávila - "Sia Mariana" ia, com fé e satisfação, mexer no fogão de lenha, mesmo a altas horas da noite, para preparar bem elaborada ceia para eles, com o melhor que havia na casa. Para que eles pudessem pernoitar a contento eram estendidos vários colchões de palha, que eram mantidos enrolados, sobre o assoalho da casa. Imperava imensa devoção e alegria, mas o medo e desconfiança das crianças, inclusive dela mesma (com cerca de 8 anos) e do irmão José de Alencar de Ávila Carvalho (com cerca de 5 anos), era assim como o que eu senti no primeiro contato com a Folia.

12. Duipi *e/bira*. Fibra retirada da casca de arbusto do gênero *Daphnopsis*, da família das *timelécaceas* (*Daphnopsis brasiliensis* e *Daphnopsis sellowiana*). Usada na amarração de pequenas coisas e era muito útil na roça; substituída, com méritos, do barbante.

13. Dispositivo (geralmente feito de embira) que, atado aos pés das aves, servia para limitar os seus movimentos.

14. *Vendinha* é o local onde, segundo a tradição oral, no auge da movimentação de tropeiros pelo Corredor-Real, existia um pouso de tropeiros e rancho para a tropa. Comercia-va-se ali alguns víveres, alimentos e arreios para os animais e, certamente, pouso e boa pinga, daí o nome que é cultivado até hoje. Corredor-Real: denominação antiga da Estrada Real ou Caminho Real; atualmente está sendo discutida e planejada a sua reativação com fins turísticos, nos moldes da mística Trilha de Santiago de Compostela (Espanha).

15. Referência ao coronel Joaquim José de Ávila, natural de São Miguel do Cajuru, tradicional chefe político da região, falecido em 1971. Possuía olhar ativo, passos firmes que faziam tremer o assoalho da sala, andava portando rica bengala entalhada em madeira e encostado. Cultivava um vasto bigode branco, enrolando-o cuidadosamente com as pontas dos dedos; eu o chamava de "TI Quincas", por ser tio de meu pai. Tive grande influência na política partidária rural da região. Era amável, sorridente e incapaz de negar aos pedidos dos muitos afilhados e correligionários. Era latifundiário, mas morreu sozinho e pobre; sua despedida hospitalar, seu enterro, foram pagos pelo fiel amigo Tancredo Neves. A casa onde viveu ainda existe na sede do Distrito; há no assoalho um *alcapão*, quase imperceptível, que dá saída para o porão. Ali, sob o assoalho, ele acovaitava seus protegidos e ele para lá também descia quando não queria ou não convinha aparecer para certas visitas; quando a situação era mais grave, por medida de segurança, pedia a uma *nêga* para derramar sobre a entrada do *alcapão* uma meia saca de feijão, camuflando-o, e ordenava para que ela ficasse ali, ingenuamente, com uma peneira, como tivesse a catar a terra dos grãos feculosos, até findar o "perigo".

16. *Sambas* como a "dança da garrafa", da "bundinha", "tchan" ... bastante em evidência atualmente.

Título do texto : A FOLIA

Jornal Tribuna Sanjoanense

(São João del-Rei - MG, edição de 07 de março de 2000, pag. 4)